



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O PRETINHO LADRÃO

POR MARIA ALDA NEVES
DESENHO DE A. CASTANÊ

E U vou contar uma história, muito pequenina para os meninos pequeninos se rirem.

Era uma vez um senhor, que conheci em terras de Africa, que possuía uma mina de diamantes, e que, para ganhar a vida, trabalhava muito, dando assim exemplo aos pretos que o ajudavam.

Ora um dia, este senhor que se chamava Barnabé, deu pela falta dum lindo diamante, o mais belo de todos, e que ele guardava com muito cuidado, pois queria-o oferecer á sua boa mãezinha, que se encontrava longe, esperando pelo regresso de seu filho.

Pensou muito no que havia de fazer, para descobrir o larápio do seu lindo diamante, e, então, teve uma genial ideia, que o levou a mandar reunir tódos os pretos, que o ajudavam no trabalho e falou-lhes assim:

«Meus amigos, roubaram-me o meu diamante

mais bonito, e a grande Serpente que tudo sabe, apareceu-me a noite passada e disse-me que o ladrão teria, neste momento, uma pena de papagaio na ponta do nariz.

O Pretinho ladrão, sem reparar no que fazia,

levou imediatamente a mão ao nariz, para tirar a pena.

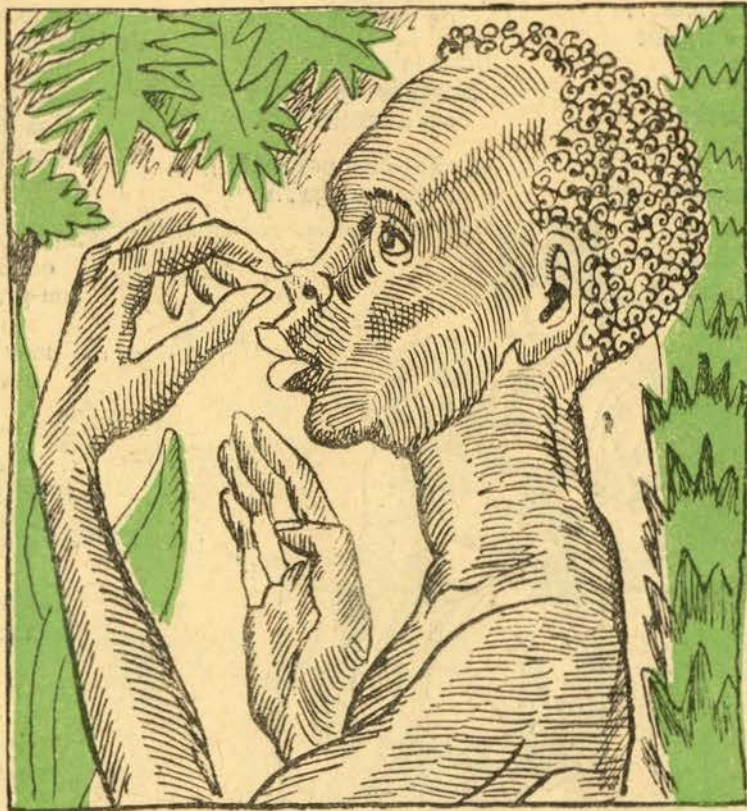
Então, o nosso amigo Barnabé, reparando no que o Pretinho havia feito, disse-lhe:

Fôste tu, meu marôto, que mo roubaste. A Serpente acaba de mo revelar; dá-me cá o meu diamante.

O Pretinho ladrão, deveras arrependido, pediu muito perdão do seu feio acto, e entregou o diamante ao senhor Barnabé, prometendo nunca mais proceder mal.

«Meus meninos, o conceito moral desta pequena história,

diz que tódo o bem ou mal que se pratica sempre se vem a saber, e por isso deveis ser sempre bons, para terdes a estima de tódos.



F I M

A' HORA DA PAPINHA

DIALOGO

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de ALFREDO MORAIS

(Amorosa
Mãezinha!...)

Atento olhar,
curvado,
debruçado
para o filhinho amado,
que lembra uma àvezinha
descuidosa
pousada em seu regaço,
e caída do Espaço
a esvoaçar...

Apenas uma hora!

Mãezinha treme! Intimamente
chora!

— Bêbé não quer' papar!

MÃEZINHA (docemente...
mais doce que o açúcar
da papinha:)

— «Abre a boquinha...
Então?!...»

BÊBÉ (indiferente:)

— «Não.»

MÃEZINHA (que ora enlaça
o corpinho gentil, cheio de graça:)

— «Olha, meu Bem...
Além,
vês, naquele telhado,
um gatinho pousado?»

BÊBÉ (interessado:)

— «Vejo!»

MÃEZINHA (em longo beijo:)

— «Amor! Quanto daria
aquele bichaninho
para ter um pratinho
de papinha!...»

BÊBÉ (olhando a Mãe.
afagando-lhe a face
com a mãozinha:)

— «Ah! Mas porquê?!
Terá fominha?!»

MÃEZINHA (em linda voz,
mais doce que o regato:)

— «Aquele gato?!
Oh! Tem!

(persuasiva,
em voz cantante e viva:)

Olha para êle, Amor!
Olha a boquinha dêle!...
E sem ter Mãe!...
Sem ter ninguém
que o vele...

BÊBÉ (comovidinho,
em voz de sonho e arminho,
mas tocada, em verdade,
de bela, de infantil curiosidade:)

— «Ah! Se êle tivesse Mãe,
dava-lhe ela, também,
uma papinha assim,
como tu dás a mim?!»

MÃEZINHA (em lindo olhar,
onde se vê brilhar
um pranto de prazer:)

— «O' meu Amor! Pois dava!
E êle papava...
assim...

(tomando,
— como exemplificando, —
na linda colherinha
um pouco de papinha:)

— Dava-lhe assim,
meu Bem!...

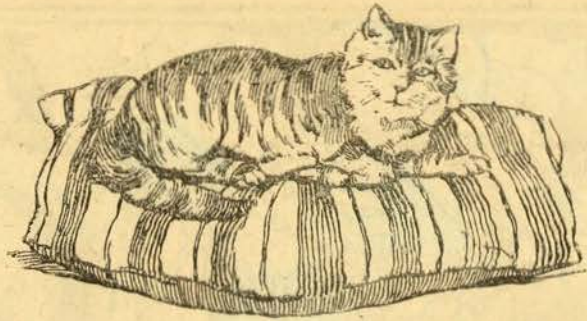
(Num sorriso de luz,
introduz,
brandamente,
uma gotinha,
pouca,
na formozinha
boca
do inocente!)

Linda gatinha — Mãe,
curvada para o filho...
Assim!... Assim... meu Bem...



BÉBÉ, (alheadamente,
vai abrindo a boquinha,
docemente...)

MÃEZINHA, (cujo brilho
e dulçor,
traduz
a imensa luz
do seu Amor:)



— «E o bichaninho
papava
a papa
que a Mãe lhe dava!...
Assim... guloso e feliz...
a miar, em ternos ais.
como quem diz:
— quero mais!

agradecendo ao Céu
a doce inspiração:)

Papou toda a papinha
até o prato a ter!...»

«...E papava... e papava!...
E mais a Mãe lhe dava!...»

BÉBÉ com a boca cheia
e o olhar a brilhar
como fulgentes sóis:)

E como ele queria mais,
a Mãezinha mais lhe dava...
E o bichaninho papava,
papava, pedindo mais...»

BÉBÉ, (cujo olhar
a brilhar,
ousado,
vigilante,
afagava o gatinho
deitadinho
no telhado
distante:)

«E depois? E depois?!»

A MÃE, (pousando o prato
e abençoando o gato:)

(e a Mãezinha
introduz
novamente,
docemente,
a colherinha
cheinha,
na boquinha
do inocente...)

«E depois?!»
MÃEZINHA (num sorriso
indeciso...
um resplendor
de Amor,
que aureolava os dois:)

«Depois, ó meu Amor!
(unindo-o muito a si)
Beijava-o, com fervor,
como eu te faço a ti!»

E BÉBÉ, (muito alheado,
vai abrindo a boquinha,
interessado...)

«Depois... papando assim,
papou até ao fim...»

(O gato adormecia
ao longe, na casinha...)

MÃEZINA (em íntima oração,

(metendo na boquinha
a última colher:)

■ F I M ■

CARTA HIEROGLIFICA POR MORENITA

A Morenita

fe se pa a bator o

-carri -assanho -m -n +m -s +s

puinhos fes las

-s -ly +m A N O -tamb +s

o -o +io -ma -gr +s

maris fe li er das o



POr ANTONIO DIAS

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

D

UMA casa solarenga da provincia havia, contíguo, um jardim com lindos canteiros de flôres e com ruazinhas ladeadas por sébes de odoríficos buxos.

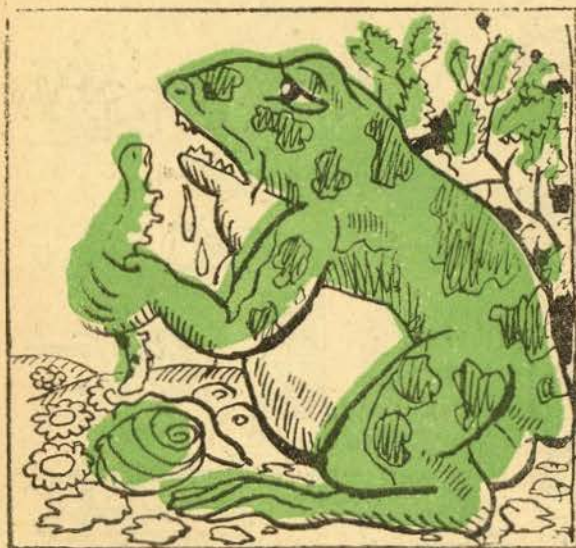
Ao centro tinha um terraço acastelado, com uma grutazinha, donde gotejava limpidíssima água, e, dispostos em círculo, alguns

bancos de pedra, toscamente estofados de aveludado musgo.

Os antigos donos do solar tinham falecido, achando-se, hoje, ali, apenas alguns antigos criados, porquanto os novos proprietários faziam assistência habitual em Coimbra. Dentre os mais velhos habitantes sobressaía um que, na persistência do seu labor quotidiano, se alheava de quantos flagellos agora assolavam a vetusta moradia.

Era o *D. Sapo Castelaõ*.

Chamavam-lhe assim por viver no sitio acas-



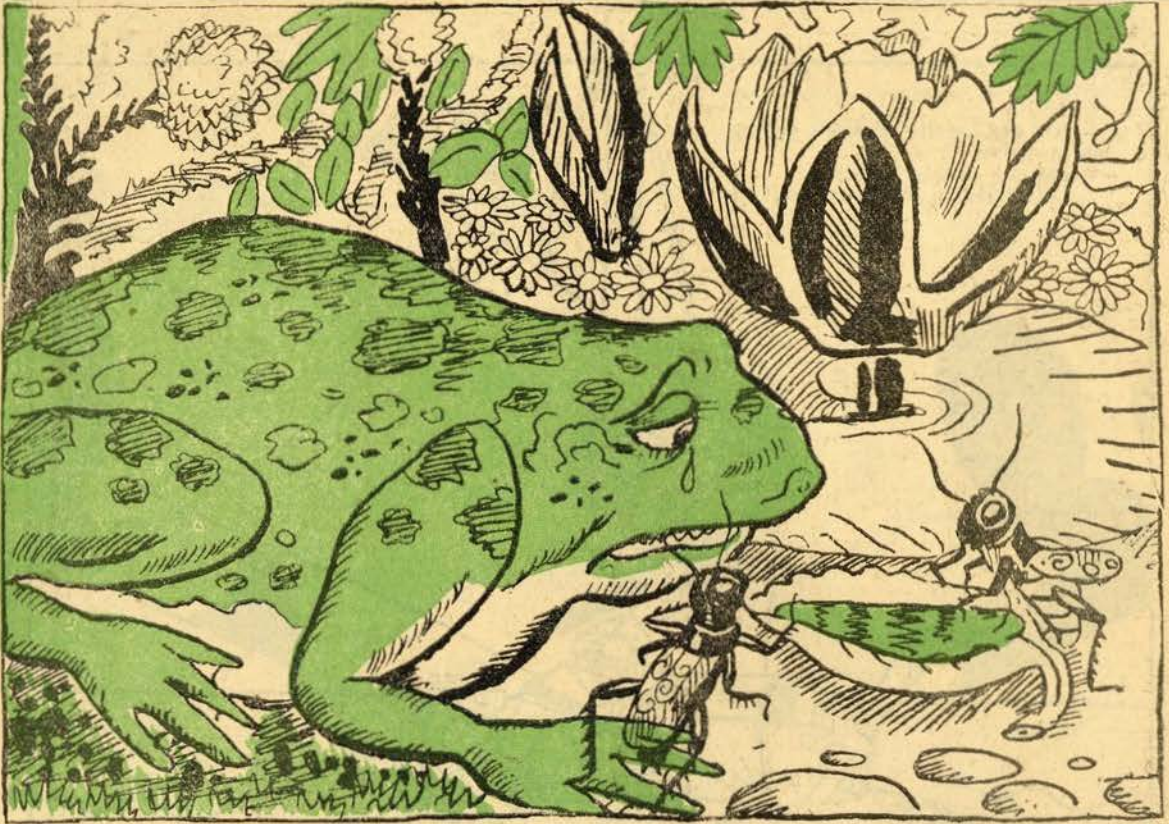
telado da gruta, e em homenagem aos seus foros de antiguidade no solar.

Jámais alguém se atvera a fazer-lhe mal. Velhos e novos jornaleiros o acariciavam e auxiliavam na transposição dalgum obstáculo incompatível com a sua corpolência obesa.

E, na verdade, bem merecedor era de todas essas atenções, pois, devido á sua diligente tarefa de caçar bicharada, as hortas medravam a olhos vistos.

Quantas quedas não apanhou êle, das couves e das alfaces abaixo!?

Quantas vezes não teve de voltar ao seu esconderijo, manquejando dalguma perna dorida, para, na manhã imediata, mal refeito ainda, continuar a sua faina benéfica?



Contudo, sempre paciente e alegre, lá ia vivendo confortado com a consciência do dever cumprido.

Ora sucedeu que, um dia, a sua paz de espírito se viu perturbada com a vizinhança de dois grilitos que, sem o menor respeito pela propriedade alheia, para ali se tinham vindo instalar.

Os dois garotelhos, sem outro modo de vida que não fôsse o de cantar, não deixavam pregar olho ao pobre *D. Sapo*; e, não satisfeitos com isso, entraram ainda a importuná-lo com momices e trejeitos alusivos á sua fealdade e ao balancear grotesco do seu corpanzil.

Ainda, por vezes, o pacífico castelão se lhes dirigiu, pedindo que houvessem um pouco mais de respeito pela integridade do seu sossêgo e da sua pessoa, sempre bem vista por todos. Estes seus rogos e petições, porém, mais incitavam os saltaricos para a prática das suas brincadeiras de mau gosto.

Mas não há brincadeira que sempre dure, e o bom do Sapo, sem mais advertências, jurou vingar-se, fazendo-lhes, também, a sua partidinha.

Continuou a dar caça ás lagartas, aos caracóis e aos pulgões das couves, mas descurou, em absoluto, os poucos nês de alface que havia por entre aquelas.

Volvidos alguns dias, os grilos, muito alarmados com a perspectiva de morrerem á fome, aguardaram, pela boquinha da noite, o regresso do pachorrento vizinho, e, com grande humildade, começaram a implorar, numa voz lamurienta:

— Querido *D. Sapinho*: Morreremos á mingua se não nos acudires com o teu disvelado e importante auxilio! As alfaces parecem rendas de

Peniche! *D. Sapinho*, tem dó de nós!... Juramos até, pela alma da nossa mãizinha, nunca mais te incomodar e de sermos, de hoje em diante, muito teus amiguinhos!

O bondoso castelão, muito sensibilizado com a choradeira dos dois *miudos*, quasi ia desmaiando e, intimamente, recriminava-se já por ter cometido tão feia acção.

Depois de ter limpo duas lágrimas, respondeu nos seguintes termos:

— Vós sois ainda muito crianças, para avaliardes as fadigas dum velho que trabalha sem descanso; por isso vos perdô todas as maldades e prometo-vos olhar pelas vossas alfaces. Para lição, já vos chega... Agora ide-vos embora, e deixai-me em descanso, que bem dêle necessito.

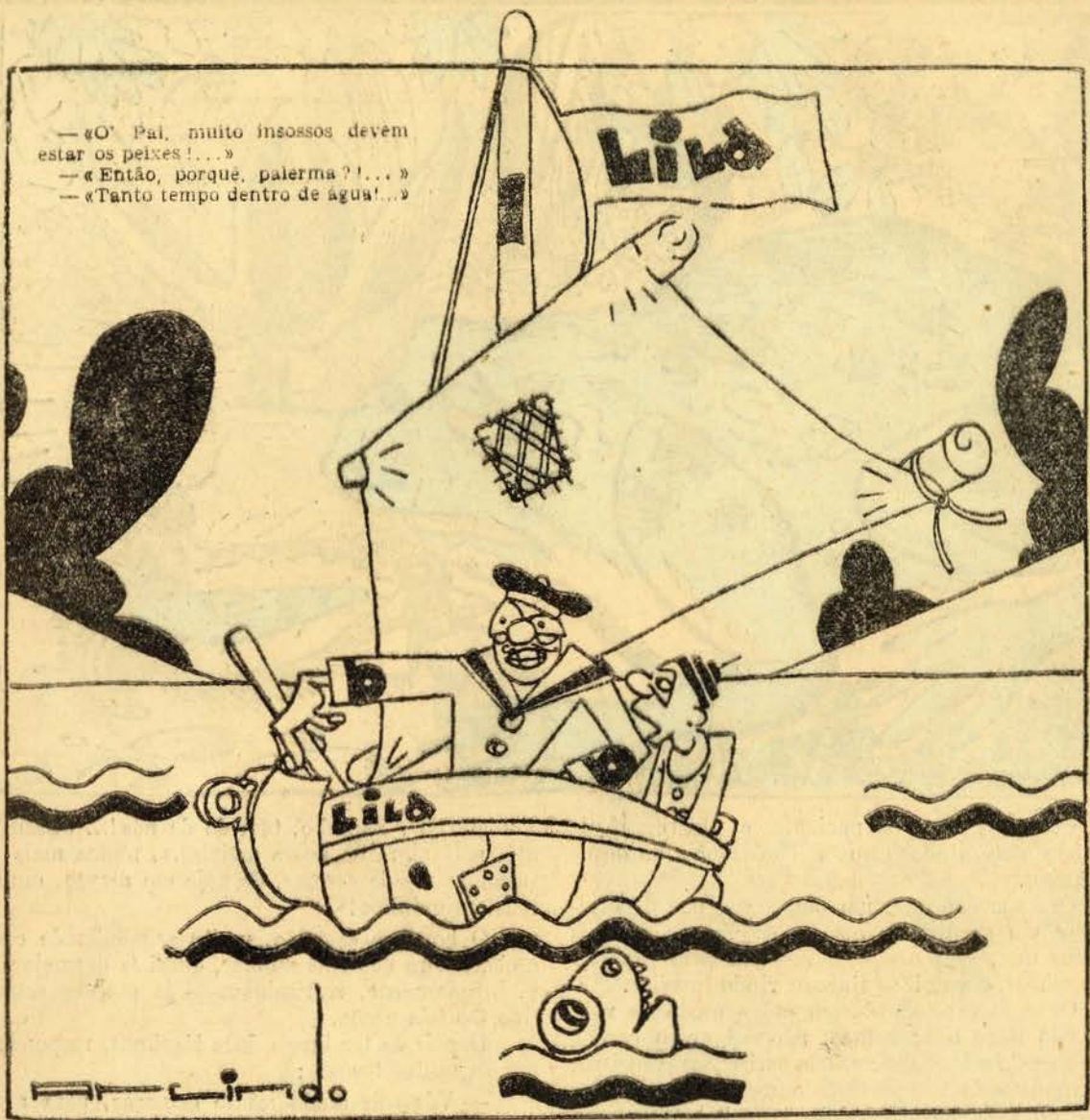
Os grilos, bastante reconhecidos, curvaram-se para lhe beijar a mão, o que êle lhes não consentiu, indo-se, em silêncio, meter no seu buraquinho.

D. Sapo Castelão passou a noite em vigília, a pensar no caso, e, logo pela manhã, mesmo por entre as folhas orvalhadas, começou a dar caça aos roedores das alfaces.

Chegou a ser cruel na sua voracidade! A' hora do almoço, estava tudo limpo, mas, em compensação, estava cheio demais o seu ventrudo estômago.

De regresso á grutazinha, para dormir a sesta, parecia que vinha mesmo borracho, mal podendo dar passada. E, se o terreno era um pouco acidentado, deixava-se cair, vindo de rebolão, tal qual como um tonel.

Conforme pôde, entrou no castelo, estendeu-se, de papo para o ar, sob o assento dum musgoso



banco de pedra, e entrou de ressonar com forte ruído.

Aí pela meia tarde, começou, porém, a sentir-se mal, e já não voltou ao trabalho. Soltou uns gemidos aflitivos, enquanto se revolia no solo, varado com dores.

Os dois grilinhos, que não fugiam nem rugiam, para não incomodar o vizinho, logo que sentiram gemer, saíram, em sobressalto, a indagar do acontecido. Ficaram estarecidos quando viram em tão deplorável estado o pobre *D. Sapo!*

— Que tens, vizinho? Porque estás assim aflito? — preguntaram-êles.

— Comi demais por vossa causa, meus amigos! Tanta lagarta dei-tei para o bucho que fiquei *alcarapuzado* de todo, como diria no Alentejo, se lá apanhasse tamanha fartadela!

— Perdôa-nos, sim?

— A culpa foi só minha... Quis limpar tudo duma vez... Enfim, isto há-de passar. Olhai, vêde

se me podeis chegar uma gota de água, que estou com muitas securas.

— Pois sim, nosso amigo, vamos já por ela.

E os dois grilinhos saltaram logo para a guarda do tanque, encheram de água uma folhinha de alface e, pegando-lhe cada qual por sua ponta, apresentaram-na ao doente, que a esvasiou dum gôlo.

Foi remédio santo. As tripas começaram a dar sinal de si e, dentro em pouco, *D. Sapo* sentia-se completamente aliviado.

A partir de então, nunca mais houve desacato entre os três vizinhos, passando cada vez mais a viverem na melhor harmonia.

E, mais tarde, quando o bom do *D. Sapo Castelhão* foi vencido pelas fadigas e pela velhice, foram ainda os dois grilinhos que, muito penalizados, lhe cerraram os olhos para sempre e o choraram com lamentosos gri... gris...

**COLABORAÇÃO
INFANTIL**

Desenho
do menino
Angelo
Sequeira
Sousa Neves
(13 anos)
Aluno dos
Pupilos
do Exército

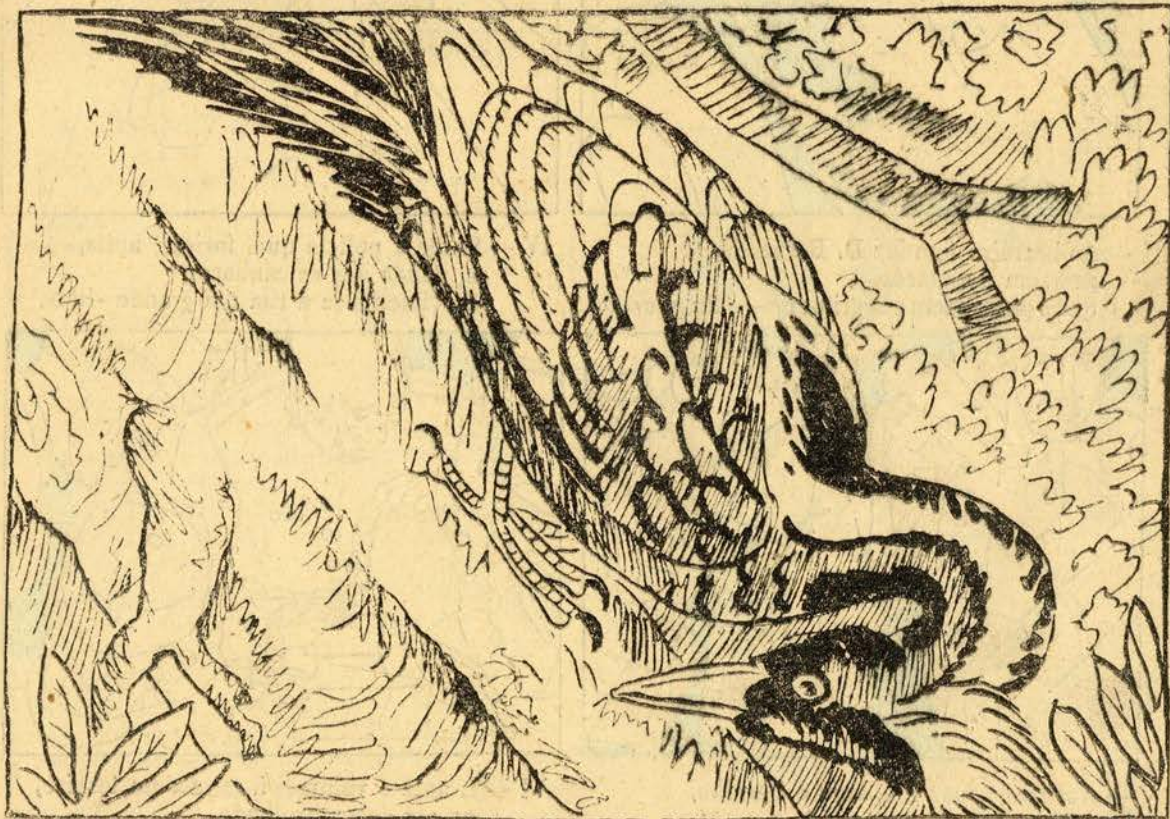
HORA DE RECREIO

ADIVINHA



Como se chama a dona desta casa? — (Solução da anterior) —
IVONE — (no colar) —

PARA OS MENINOS COLORIREM



CAMPEFILO IMPERIAL — (Picus principalis) —

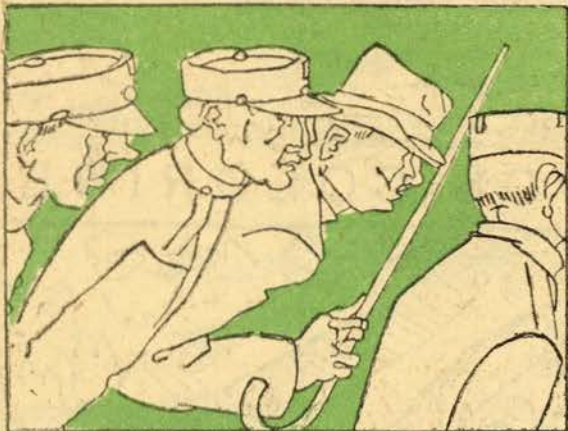
UM ROUBO AUDACIOSO



I — Certo gatuno, muito audacioso, ataca, em plena viela, D. Bernarda Reis Costa Pedroso.



II — E, roubando-lhe o embrulho que trazia com a maior cautela, foge em vertiginosa correria.



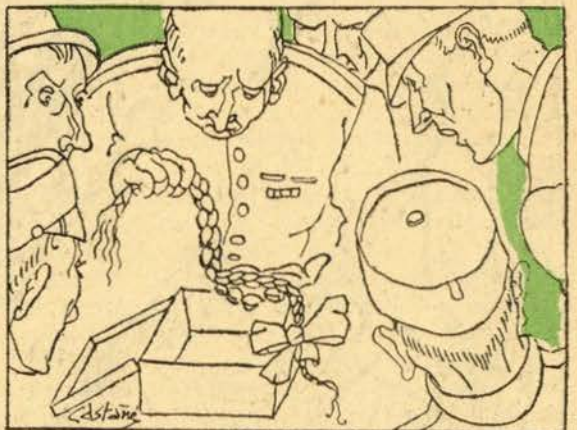
III — Ao berreiro que faz D. Bernarda, acorrem populares que o perseguem aos gritos de—ô da guarda!



IV — Surge a polícia que, furiosa, apita, e, dando aos calcanhares, movimenta-se a rua em grande «fita».



V — Acabando, por fim, todo o barulho, à esquadra é transportado o ratoneiro e apreendido o embrulho.



VI — E ante o volume, à mira dum tesoiro, ao ser desembulhado, surge uma trança de cabelo loiro!